

8. FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA ETNORACIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

Rosa Maria Barros Ribeiro

Introdução

Este artigo aborda minha experiência docente acerca da temática etnorracial. Há duas décadas venho abordando conteúdos que enfocam a problemática etnorracial junto aos meus alunos de Cursos de Pedagogia por considerar essa iniciativa extremamente necessária para a formação e a prática docente dos pedagogos. Neste artigo, reporto-me mais especificamente às atividades realizadas junto aos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Ao problematizarmos este assunto, suscitamos determinados discursos baseados em representações e posturas que amenizam a existência do racismo, ou o veem de forma branda, apontando para uma negação do problema. Os alunos não apresentam um interesse imediato sobre o assunto porque assimilam na vivência em sociedade, paradigmas etnocêntricos, dificultando a percepção sobre os problemas raciais.

Ao longo desses anos, venho procurando entender de que maneira a dimensão etnorracial se faz presente na vida dos alunos, como eles lidam com situações que envolvem práticas racistas, objetivando ajudá-los a construir uma consciência crítica e assumir uma postura distinta do senso comum com relação ao racismo.

É essa experiência que apresento a seguir, esperando que seja percebida como uma possibilidade, entre tantas outras, de contribuir para uma formação que leve em consideração a diversidade étnico-cultural, assim como o problema racial e suas implicações para a construção das identidades negras, para as relações interpessoais e sociais e, de um modo mais amplo, para a democratização do nosso país, uma vez que, sem a inclusão sócioeconômica do povo negro nos diferentes espaços da sociedade, não é possível afirmar que somos um país democrático.

Reflexões a partir da prática docente

Os alunos, como quaisquer outros sujeitos, estão mergulhados na vida cotidiana e possuem, de maneira forte ou fraca, características da vida diária, identificadas por Heller (1989) tais como: espontaneidade, assimilação, alienação, unidade imediata entre pensamento e ação, pragmatismo, precedentes, juízos provisórios e ultrageneralização. Do ponto de vista das relações interétnicas, interculturais e interpessoais, essas características podem estar presentes em maior ou menor grau. Além disso, para a autora, o preconceito, o estereótipo e o racismo também são parte da vida cotidiana.

A assimilação imediata de formas de comunicação social, nesse sentido, começa sempre nos grupos dos quais fazemos parte, como a família, a escola e pequenas comunidades. É a partir da inserção em grupos, classe, nação, humanidade, que formamos a consciência de nós mesmos e, possivelmente, dos outros. Mas, a característica dominante no nosso dia a dia é a espontaneidade, necessária para manter a existência da vida cotidiana, que é regida e se expressa exatamente por essa espontaneidade. Por essa

razão é que há uma unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade, o que faz com que as ideias nela contidas nunca se elevem ao plano da teoria, nem ao plano da práxis, pois isso só se torna possível quando a atividade humano-genérica é consciente. Assim, as atitudes da vida cotidiana são totalmente pragmáticas e os pensamentos fragmentários.

Por causa de tais aspectos, a estrutura da vida cotidiana pode se tornar propícia à alienação dos indivíduos, mas isso não ocorre de forma absoluta, pois os processos alienantes vão depender das circunstâncias sociais em que eles se encontram. A alienação ocorre quando há um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico, que é estar além da individualidade, e o desenvolvimento humano. É nesse sentido que nos parece possível pensar o modo como indivíduos e grupos negros se posicionam numa sociedade com características racistas. Há, inegavelmente, na sociedade brasileira, um processo de alienação no modo como se lida com os estereótipos, a discriminação, as desigualdades e as exclusões que envolvem as pessoas de origem negra, levando, na maioria das vezes, a não se perceber essa realidade, ou a naturalizá-la.

O preconceito, outra categoria do pensamento e do comportamento cotidianos, é fixado na experiência e é ultrageneralizador. A ultrageneralização ocorre quando assumimos estereótipos, analogias ou esquemas já elaborados no meio onde crescemos. Mas nós podemos ter consciência ou não desses processos de assimilação. A consciência variará de indivíduo para indivíduo e dependerá dos contextos em que vive.

A ultrageneralização é um juízo provisório e o preconceito é um tipo particular de juízo provisório. “Os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argu-

mentos da razão, são preconceitos” (HELLER, 1989, p. 47). As motivações que alimentam o preconceito, na opinião da autora, satisfazem uma particularidade individual. Crer nos preconceitos é cômodo porque nos protege dos conflitos e confirma nossas ações anteriores. Contudo, os preconceitos são sempre uma produção social.

O preconceito pode ser individual ou social, mas a maioria tem um caráter imediatamente social e costumamos pura e simplesmente assimilá-lo de nosso ambiente, para depois aplicá-lo espontaneamente a casos concretos através de mediações. Partimos do fato de que a vida cotidiana produz, em sua dimensão social, os preconceitos, bem como a base antropológica dessa produção é a particularidade individual ao passo que o “tecido conjuntivo” emocional é a fé. Que provoca tais sistemas de preconceitos? São provocados pelas integrações sociais nas quais vivem os homens e dentro dessas integrações, sobretudo pelas classes sociais. [...] Os preconceitos servem para consolidar e manter a estabilidade e a coesão da integração dada. [...] a maioria dos preconceitos, embora não todos, são produtos das classes dominantes (HELLER, 1989, p. 49-54).

Existem inúmeras formas de preconceito: social, moral, político, ideológico, estético, étnico, etc. Mas, todos são originados historicamente e estão em constante transformação, mudam de formas e destinatários, dependendo da sociedade em questão. O desprezo pelo “outro”, a antipatia pelo “diferente”, segundo Heller (1989), são tão antigos quanto a humanidade. A mobilização de sociedades inteiras umas contra as outras, por causa de preconceitos, não se deu jamais de uma forma tão ampla como na sociedade burguesa.

É importante lembrar que o processo de colonização serviu-se do preconceito racial como uma forma de autojustificação, ao difundir, por exemplo, a ideia de que o índio era selvagem e de que o africano fazia parte de uma sociedade primitiva e atrasada e só poderia, por isso, executar um trabalho servil, pois, supostamente, era inferior e não estaria apto a realizar trabalhos mais complexos. Todavia, isso não é verdade. Primeiro porque os africanos possuíam o domínio de técnicas que o europeu ainda não conheciam, segundo porque sua economia não era mais atrasada e terceiro porque eles realizavam todas as formas de trabalho nas Colônias, razão pela qual elas puderam se desenvolver economicamente. O curioso é que a própria ciência serviu a essas ideias quando elaborou as teorias raciais.

Todos aqueles que vivem em sociedade não estão livres do preconceito e de serem preconceituosos, mesmo que não se tenha a percepção desse fato ou que não o reconheça como tal, uma vez que os preconceitos são inseridos no meio em que vivemos e são assimilados de forma espontânea, como se fossem julgamentos verdadeiros.

O preconceito racial se camufla e se esconde no íntimo de cada um, como também se manifesta em formas visíveis de discriminação dirigidas às pessoas negras. Essas atitudes não são confrontadas porque muitas vezes supõe-se ou acredita-se que não se tem preconceitos nem se discrimina os outros. Isso acontece porque há um receio de assumir os próprios preconceitos ou porque é mais cômodo se calar diante dos mesmos. Mas, a percepção do problema e o desejo de mudança sempre é possível, desde que se tenha consciência e que se queira mudar. Por outro lado, essa possibilidade só poderá existir de fato a partir de condições sociais dadas, tanto em contextos mais amplos, quanto em contextos mais específicos. Numa sociedade em que a dominação

cultural é fundamental para a existência de outras formas de dominação, os preconceitos serão sempre alimentados por justificativas que visam ajudar na manutenção das divisões e das exclusões sociais. Contudo, mesmo em sociedades coesas do ponto de vista dominante, há brechas, margens de liberdade, que possibilitam contraposições a essa hegemonia.

Os alunos são sujeitos mediados e mediadores de processos sociais, podendo tanto reproduzir valores conservadores, quanto contribuir para a transformação da realidade. Possivelmente não são os desencadeadores das desigualdades, mas podem ajudar a consolidar certos valores e padrões de comportamento, servindo de referência nas práticas educativas. Nesse ponto, Elliot (1998, p. 141), ao citar a crítica de Sockett e Shulman, chama-nos a atenção para o fato de que “ensino é uma prática moral porque irremediavelmente apreendido na esfera da intersubjetividade do pessoal e só pode ser totalmente descrito quando faz uso da linguagem moral”. Desse modo, o ensino envolve uma dimensão valorativa que serve de base para as relações sociais, especialmente no caso das relações interétnicas, pois se trata de um longo processo de desigualdade e exclusão, justificadas por meio de estereótipos.

Os negros brasileiros têm sofrido, ao longo da história, de estereótipos arrasadores, sendo a eles atribuídos o vício, a brutalidade e a incivilidade. A justificativa para tais acusações variou com a voga intelectual da época: a teologia da descendência pervertida dos filhos de Caim; a teoria científica das raças; a sociologia da escravidão como sistema amoral e brutalizador; a antropologia evolucionista dos povos primitivos; a sociologia da herança da escravidão; o jornalismo da criminalidade urbana, etc. O fato é que, no Brasil Colônia e no Brasil Império, não houve lugar para o negro no imaginário nacional português ou brasileiro. País que

se queria branco, o Brasil se esforçava para realmente brutalizar os negros que importava da África como escravos e os que aqui nasciam [...] Apenas na República, tardiamente finda a escravidão, a elite se colocou o problema de como integrar simbólica e materialmente os negros à nação. As primeiras soluções foram ridículas e cínicas, como costumam ser até hoje: as elites se queixavam e se envergonhavam de não contarem com um povo branco e homogêneo como elas. Um povo pervertido pela escravidão, diziam alguns; pela raça, diziam ainda outros; pelo primitivismo cultural, diziam outros. À medida que os discursos se repetem sem dar lugar às ações e se rotinizam, todos, como sempre, fogem de qualquer responsabilidade histórica. (GUIMARÃES, 2000, p. 25-26).

Na ação docente, é produtivo levar em conta os interesses dos nossos alunos e ao mesmo tempo tratar do ensino em seu caráter mais amplo e a sala de aula na sua diversidade, considerando como os diferentes grupos étnicos estão inseridos na sociedade, o que pressupõe certa consciência da problemática racial em nosso país.

Por outro lado, são necessárias mudanças curriculares e estruturais, além de materiais didáticos que possibilitem uma formação que leve em conta o respeito à diversidade e a desigualdade etnoracial, superando a visão focada apenas em valores e referências etnocêntricos.

É isto que tenho procurado fazer como professora do ensino superior ao suscitar reflexões em sala de aula junto aos alunos sobre o problema do racismo, apostando em mudanças de concepções e práticas no âmbito das relações e dos processos sociais.

No Curso de Pedagogia da Unicamp, realizei um trabalho com conteúdos dessa natureza. Como inicialmente houve muita resistência e discursos baseados no senso comum, como, por

exemplo, de que “não existe preconceito racial no Brasil, mas desigualdades sociais” e “que o próprio negro é quem se discrimina”, propus um trabalho de campo, com o objetivo de que eles tivessem um determinado tempo para observar a realidade. Para tanto, dividi a turma em vários grupos e cada um deveria observar e registrar, durante dois meses, “como os negros são representados pela mídia”. Para cada grupo foi indicado um referencial teórico de suporte às análises, que seriam realizadas e apresentadas no decorrer de dois meses daquele semestre.

A seguir, apresento os resultados da pesquisa de campo e das respectivas análises dos alunos.

Um grupo percebeu que:

Ao observarmos como aparecem os negros na televisão notamos que, como em outros meios de comunicação, a raça negra é sempre considerada inferior. Nas telenovelas, na maioria das vezes, os negros sempre representam pessoas que pertencem às classes sociais mais baixas, como por exemplo, empregadas domésticas, escravos e bandidos. Embora em algumas telenovelas apareçam negros representando pessoas de classes um pouco mais elevadas, sempre se mostra a discriminação e a humilhação por eles sofrida, que talvez tenha o intuito de revelar que, mesmo pertencendo às classes mais altas, os negros jamais serão reconhecidos como uma classe igual à branca. Quando aparece em telenovelas e até mesmo em programas onde se entrevistam artistas, um negro que possui formação universitária, uma profissão, sempre causa espanto na sociedade, pois, em sua visão, os negros não têm capacidade de exercer uma profissão intelectual. A sociedade criou uma imagem de que o negro só é capaz de trabalhar em serviços que utilizem o corpo e não a mente.

A percepção de outro grupo é idêntica:

O negro aparece como destaque nos esportes mais populares, nas músicas e em filmes; desaparece totalmente no campo econômico, político e social. Nas novelas nunca interpreta o papel de galã e quando aparece uma família de classe média sempre a questão racial é tocada, nunca pode ser igual. Desempenha trabalhos que envolvem o corpo e menos a mente. Na imprensa, há destaque para crimes praticados por negros. Nas charges com negros, só uma foge do estereótipo. A África aparece sempre como um continente tribal.

Outro grupo destacou que:

No centenário da abolição, na novela em homenagem ao negro, ele aparece como alcóolatra e a mulher negra como exótica. Nas novelas de época, não há crítica ao escravismo, mas, ao contrário, um reforço da lembrança desse passado que retrata a não-humanidade e a não intelectualidade da pessoa negra. Nos programas infantis, a criança negra não se vê. Os ídolos são loiros de cabelo liso. Isso cria um preconceito entre as crianças brancas para com as crianças negras. Numa enquête realizada com 57 pessoas, onde se pedia para dizer aleatoriamente nomes de artistas preferidos, citaram-se 38 cantores brancos, contra 19 negros; 57 cantoras brancas, contra nenhuma cantora negra. Entre os atores, 57 apontados como preferidos foram brancos, e entre atrizes, 54 brancas e 3 negras. Às vezes, as pessoas queriam dizer algum nome de ator ou atriz negros, mas não lembravam.

Segundo Sodré (1999), os meios de comunicação social se constituem como um aparelho ideológico do poder do Estado, mas esse papel não se realiza de maneira totalmente homogênea.

Mas, de qualquer maneira, reproduzem os estereótipos presentes no cotidiano social com relação aos negros associando-os à escravidão, aos trabalhos de menor remuneração, ao analfabetismo e à pobreza, passivos, dependentes e culpados pela situação em que se encontram. Esse pensamento vem colaborando historicamente para o amplo e longo processo de exclusão social da população negra no Brasil.

Como os brancos aparecem na mídia? Associados à beleza, ao sucesso, à competência e desempenhando papéis e trabalhos que exigem maior capacitação, portanto, com maior remuneração. Paradoxalmente, sempre em situações de ócio, de lazer, são os brancos que aparecem com maior frequência. A imagem do branco é daquele que controla e tem capacidade para controlar. Assim, a hegemonia cultural branca se reproduz também através desses veículos.

Tudo isso pode ser sintetizado pelo “monopólio da fala”, como Sodré (1999) identifica a mídia, especificamente a televisão. Quando a mídia aborda as diversas culturas, não superficializa ou deturpa a cultura branca, como faz com as demais. Aliás, a cultura branca não é destacada, mas aparece como importante em si mesma e universal. Os espaços cedidos às pessoas identificadas como brancas se dão a todo momento e em todas as programações. Elas representam a si mesmas. Negros e índios quase não aparecem e quando aparecem é em papéis definidos pelo olhar do “outro”. Portanto, os brancos falam por si mesmos e pelos outros, estipulam quem, o que e como se fala.

A verdadeira questão é outra. Para nós, o problema real está no recalçamento de aspectos excluídos da cultura brasileira, operado pela televisão, enquanto sistema produtor de um discurso homogêneo [...]. No

Brasil, o verdadeiro silêncio imposto pela televisão é o silêncio das culturas que estruturam simbolicamente os setores marginalizados da população. O recalçamento dessas outras expressões culturais é o verdadeiro efeito hegemônico produzido pelo sistema (SODRÉ, 1999, p. 118).

O fato de os meios de comunicação terem esse caráter homogeneizante do ponto de vista cultural tem relação direta com a hegemonia econômica e política no Brasil. Para Sodré (1999), esse monopólio da informação está ligado à elitização dos veículos que ocupam as posições de controle da mídia e definem o seu discurso.

Sodré (1999) destaca alguns fatores presentes na mídia que servem para mediar o racismo em outras instituições:

- a. a negação- A mídia procura negar a existência do racismo e considera a questão racial anacrônica, não percebendo suas novas faces. Só o reconhece quando é obrigada, devido certas evidências, como conflitos raciais e manifestações antirracistas que viram noticiários;
- b. o recalçamento - A mídia omite aspectos positivos de manifestações simbólicas de origem negra. Não fala do papel tático da música negra nas relações inter-raciais, não ressalta pessoas negras que se tornaram referências importantes na história, nas artes e na literatura, e os profissionais da mídia desconhecem a história do negro no Brasil ou nas Américas;
- c. a estigmatização - O estigma se realiza na desqualificação da diferença e leva à discriminação. No caso do Brasil, onde há dominação branca, a

tendência é estigmatizar as pessoas de pele escura. Daí nascem os estereótipos e as folclorizações em torno delas;

- d. a indiferença profissional - O interesse da mídia está voltado para motivações de lucro e poder, do comércio e da publicidade e está pouco interessada em questões sobre discriminação do negro ou de minorias. Há um processo de dessensibilização dos profissionais da área diante desses aspectos. Por outro lado, quando pessoas negras conseguem empregar-se em jornais ou televisão, são geralmente destinadas a tarefas realizadas nos bastidores do serviço, sem visibilidade do público, o que o autor chama tarefas “de cozinha”.

O que visualizamos nesse percurso de ideias a respeito dos meios de comunicação é que eles são muito importantes nas sociedades atuais no processo de formação sócio-cultural de indivíduos e grupos. Eles se constituem através de supostos consensos e outras características presentes no cotidiano social e, ao mesmo tempo, alimentam esse cotidiano através das representações que constroem e reproduzem sobre as pessoas e os grupos.

A mídia veicula representações sobre indivíduos e grupos negros e essas representações passam a ser assimiladas como verdadeiras. O cotidiano escolar também é influenciado pela mídia. Ao chegar na escola, professores e alunos já assimilaram muitas imagens e discursos transmitidos pela mídia, influenciando na construção das identidades e dos comportamentos nas relações interpessoais e grupais.

Na visão de Giroux e MacLaren (1995, p. 147), a mídia possui um caráter pedagógico excludente:

O mundo das imagens deve ser entendido a partir de uma perspectiva pedagógica, como um terreno de contestação que seve como o *lócus* de estruturas e poderes prático-discursivos multivalentes. Isso sugere não apenas examinar os conhecimentos da mídia em termos do que eles incluem, mas também em termos de suas exclusões. Uma tal estratégia convida os/as estudantes a compreender a forma pela qual as instituições e as rotinas da vida cotidiana fazem surgir e tornam possíveis formações discursivas e práticas sociais particulares.

Iniciei este artigo dizendo que os alunos apresentavam, antes da realização da pesquisa em campo, uma visão sobre a problemática racial baseada no senso comum. A pesquisa propiciou várias mudanças, que vão desde uma abertura para o tema, uma nova percepção para as questões raciais à maior consciência e ao reconhecimento da discriminação racial. A realização do trabalho de campo, associada às leituras e discussões em sala de aula, produziu efeitos significativos. Por meio da pesquisa, os alunos passaram de uma condição de quem observa de modo distanciado para uma condição de análise e identificação de aspectos que não percebiam antes. A pesquisa possibilitou-lhes certa compreensão sobre as relações interracialis no Brasil, outro olhar para a mídia e uma nova postura no cotidiano social. Destaco alguns depoimentos para enfatizar o que afirmei acima:

Quando eu escrevi aquele artigo, foi justamente por causa disso. Quer dizer, de repente eu me dei conta que os meios de comunicação, eles só fazem reforçar e enfatizar essa visão. Eles jamais mostram o negro do outro lado, do ser humano, daquele que pode, daquele que é revolucionário, daquele que é transformador, daquele que é capaz de gerar outras situações de realidades. Não mostra isso. Aí, aproveita a história? Não!

Mas nós estamos mostrando a história. Eles continuam mantendo uma história absurda, sem questionar. (MARCELO)

Significou que vi o quanto eu preciso estudar mais esse tema pra saber como lido com isso em sala de aula. Acho que não estou preparada ainda pra isso. Acho que foi que nem a professora da 3ª série falou, que primeiro tem que olhar para os próprios preconceitos pra depois falar dos que existem na sala. É que eu preciso realmente: estudar muito. Pra você ver que eu ainda não sei atuar, sabe, sem discriminar. Não sei se eu, ao olhar uma pessoa na rua, se eu não vou estar julgando o que ela vai fazer, o que ela é, o que ela deixa de ser, sabe? Mas é legal. Pelo menos você está refletindo sobre, entendeu? Acho que é uma coisa que antes eu não estaria... então pra mim significou essa mudança de olhar, de não olhar como uma coisa distante, agora olhar como uma coisa que eu tenho que mudar. Eu estou bem interessada nessa área de olhar as pessoas tão diferentes... Não sei ainda bem qual a área que eu vou seguir. Mas está servindo pra abrir a cabeça, tentar não olhar as diferenças como uma coisa tão estranha. (CECÍLIA)

Eu comecei a perceber muito mais coisas que eu não percebia. Hoje, tudo que eu vejo, já falo: - Gente! Olha o que você está dizendo. Sabe, frases pequeninhas, coisinhas que a gente passa, principalmente nas apresentações na tevê. Será que vai ser sempre assim? Então, eu acho legal porque você colocou isso pra gente tentar se conscientizar e passar isso para os outros. No caso, a gente trabalhando com educação, tentar pensar isso, mostrar para as pessoas: olha, existe racismo, porque tem gente que coloca que não tem racismo no Brasil. Então, eu achei que pra mim foi muito

importante. Eu espero que os outros professores continuem colocando esses debates, essas discussões, porque essa é a nossa realidade, a gente tá inserido nisso. Então, eu acho que se a gente não tiver consciência do que tá acontecendo, vai continuar passando a mesma coisa para as outras pessoas. Então eu acho assim, eu pelo menos, particularmente, eu quero tentar. Não sei se é sonho. Mas eu quero conseguir fazer, nem que seja um grupo pequeno de pessoas para pensar diferente porque eu não quero continuar a manter essa sociedade do jeito que é. Então, para mim, eu espero que sempre continue os professores falando, que essa coisa do não diretivismo eu sou contra, porque eu acho que tem que falar, tem que colocar em discussão. Porque eu quero ter uma base forte para tentar passar para as pessoas essas coisas, por exemplo, que eu aprendi com você. Eu abri tanto a mente em relação a essa coisa do preconceito que tudo que passa eu falo: - Nossa! Olha! E as pessoas não percebem. Frases assim que eu olho, falo: - Gente! Então, assim, pra mim, o que mais gosto é essa parte de tá mostrando mesmo o que é a realidade. Só assim a gente vai tentar mudar alguma coisa. Não que mude a sociedade. Eu sei que não é a escola que vai mudar, mas acho assim, que a nossa parte a gente tem que fazer e essa parte tem que ter essas coisas, tem que ter essa reflexão. Então eu acho que me ajudou a crescer mais ainda (IRACEMA)

Acho que para a classe foi muito interessante porque o pessoal se tocou que precisa falar de uma cultura que não é só a da classe dominante, mas tem outra que é a nossa, tem as minorias. Então, eu acho que, nesse sentido, ficou uma coisa muito boa. Mas não posso dizer que tenha influenciado diretamente. Não tenho noção do que seria sem o trabalho, não dá pra ter essa noção. O que percebo é que o pessoal acaba meio respeitando agora. Eu acho que as meninas têm cuidado

agora, cuidado maior de estar observando. Acho que o olhar da classe mudou. Vai observar as relações, sim! Vai observar, mas também com essa ótica: - Olha, existe racismo e eu estou enxergando isso aqui. Porque talvez, antes de mostrar o trabalho, se pensasse: “Não, não existe racismo, não”. Eu senti muito isso na sala: - Ah! Não existe. Ah!o racismo é uma coisa que vem dos próprios negros. Aí você começa a investigar e ver que não é nada disso. Eu acho assim: porque elas não passaram, não sabem o que é isso. Então, assim: pra estar iniciando, isto foi o básico, que tem que ter essa discussão e espero que não se perca isso na prática do dia a dia. Porque é difícil você estar no dia a dia e assim, você sabe que existe, você já lida de uma maneira diferente, mas outra pessoa fala: - Ah não, é impressão sua, não é nada disso! Você sabe que é; ela não enxerga com os mesmos olhos que você. Então eu acho que pra classe isso foi ótimo. Para mim foi significativo, porque eu sei que é um processo mesmo, não vai parar, vai existir, vão questionar assim, então isso deu pra fechar. Eu acho que foi muito bom pra saber que há pessoas que estão preocupadas com isso. Preocupadas em colocar lenha na fogueira. Vão pensar nisso porque a gente está numa situação muito: - Ah, isso não há, não vamos pensar não, faça de conta que isso não existe, feche os olhos para isso. E de repente não, você vai pra escola e você vai observar isso, você vai pra mídia e vai observar isso (JACKELINE).

Os depoimentos apontaram para uma mudança de olhar e a percepção de como a mídia é etnocêntrica. O etnocentrismo anda de mãos dadas com o racismo, alimentando-o e justificando-o. Rocha(1994) compreende o racismo a partir de dois enfoques: o intelectual/racional e o emocional/afetivo, presente na história de todas as sociedades e na vida das pessoas em geral.

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual pode ser visto como a dificuldade de pensar a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade, etc. Nos etnocentrismo estes dois planos do espírito humano - sentimento e pensamento - vão juntos compondo um fenômeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades como também facilmente encontrável no dia-a-dia de nossas vidas (ROCHA, 1994, p. 7).

Ao meu ver, esses enfoques envolvem também elementos ideológicos, pois estão associados ao poder (poder de definir o outro, de decidir o seu destino, de se sobrepor). O etnocentrismo é historicamente antigo, mas o processo de colonização europeu trouxe um diferencial: a justificação da dominação e a espoliação a partir da suposta inferioridade do “outro”, não reconhecido como humano. A colonização é considerada, pela ótica do etnocentrismo, uma forma de civilizar o “outro”, cujo estágio inferior seria supostamente superado ao assimilar a cultura ocidental, tida como superior. O etnocentrismo, neste sentido, é um modo de situar o negro num lugar inferiorizado por conta de sua condição pessoal e cultural. Tratar o “outro” como o “diferente” é também um modo de perpetuar a dominação, a exclusão e a inclusão diferenciada. Do ponto de vista subjetivo, é um alívio para as consciências, porque joga a culpa no “outro”, havendo ainda casos em que se pode perceber uma postura etnocêntrica inconsciente ou não refletida pela consciência.

O mesmo autor toma, como pano de fundo da questão etnocêntrica, a experiência do choque cultural em que o conhe-

cimento que temos do grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que faz coisas muito parecidas, tem as mesmas crenças e produz significados semelhantes em relação à vida e se depara com o “outro” que pensa e faz as coisas diferentes de nós, ou de formas que não nos parece possíveis. Porque as diferenças causam choque? Exatamente porque o grupo olha o mundo a partir de si mesmo. No entanto, vê-se o “outro” com uma imagem distorcida.

[...] o “outro” e sua cultura, da qual falamos na nossa sociedade, são apenas uma representação, uma imagem distorcida que é manipulada como bem entendemos. Ao “outronegamos aquele mínimo de autonomia necessária para falar de si mesmo. [...]. Aqueles que são diferentes do grupo do “eu” – os diversos “outros” deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos. (ROCHA, 1994, p. 14-15)

Dessa forma, qualquer grupo pode ser etnocêntrico, no sentido de ver o mundo a partir dos seus próprios referenciais. O que passa a ser inaceitável é a suposição de que os modos de ser do seu próprio grupo são os corretos e os melhores, devendo servir de modelo: quando a diferença ameaça é porque é utilizada como único componente determinante numa relação, não sendo percebidas, nem aceitas as semelhanças como positivas e possibilidade de valorização e respeito mútuos, quando um grupo se sobrepõe aos outros em nome dessa diferença, compreendida a partir de um único ponto de vista.

Considerações Finais

Tenho procurado exercer uma prática docente, sempre que possível, concomitantemente com a pesquisa. Relacionar ensino e pesquisa torna o ensino mais próximo da realidade e relaciona melhor teoria e prática, especialmente no que se refere à dimensão etnoracial. Essa forma de ensino retira o professor de uma postura unilateral e proporcionatrocas, diálogos e reflexões por meio do olhar dos alunos sobre a realidade. Parto do pressuposto de que os alunos são sujeitos inseridos em um contexto cultural, para onde voltam como professores, sendo de fundamental importância que se produza representações mais condizentes com a diversidade etnoracial que constitui a sociedade brasileira.

O importante é que a ação educativa ajude a entender e a desenvolver conhecimentos nessa área, permitindo um olhar mais crítico e uma capacidade de buscar alternativas para a abordagem dos conteúdos em sala de aula, fundamentando sua ação ética e filosoficamente. No que se refere à dimensão etnoracial, faz-se realmente necessário a crítica de velhos conceitos associados aos negros, à cultura negra e adotar outros conceitos que possibilitem um trato mais democrático nas relações interculturais. Democratização não equivale a supostas trocas, mas ao respeito e à valorização detodos os grupos etnoraciais existentes no Brasil, deixando de tratar as culturas não hegemônicas como folclore e de ver as sociedades africanas e indígenas como sinônimos de atraso com vistas a superação dos estereótipos voltados a esses povos. Com educadora, procuro colaborar com questões dessa ordem. No entanto, há limites entre o que propomos teoricamente e o que se realiza de fato. Mas, é importante perceber que, se esse tema não é trabalhado em sala de aula, dificilmente os alunos terão uma preparação nesse campo para atuarem como docentes no ensino básico.

Digo isto porque esse tema não é tratado devidamente no cotidiano social brasileiro e, quando é tratado, é de um modo invertido, contraditório e estereotipado, pois as concepções e os discursos são recheados de superficialidades, incoerências, desrespeito e discriminações, devido ao fato do racismo estar incutido, mesmo inconscientemente, na formação social dos brasileiros. O racismo está presente no dia a dia, em todos os espaços, porém parece algo imperceptível.

O discurso racista caracteriza-se por certa artimanha em não discutir, nem enfrentar o problema. Desse modo, pressupõe-se uma “democracia racial”, sustentando-se na ideia de que as relações etnoraciais no Brasil são mais igualitárias ou menos conflituosas do que em outros países, amenizando-se a violência pela qual sempre passaram os negros no Brasil. Ou seja, há, na verdade, dubiedade e mascaramento nessas concepções e discursos. Aparentemente, predomina uma modalidade de racismo velado. Contudo, seja de forma direta ou indireta, explícita ou velada, são duas formas impregnadas de violência, seja física ou simbólica.

Os alunos do Curso de Pedagogia estão inseridos nessa realidade e recebem sua influência. A questão é: como eles vão tratar dessa problemática com seus alunos? Não é fácil lidar com questões de natureza etnoracial, pois é preciso conhecimento, abertura, sensibilidade e boa vontade para enfrentar os limites e as dificuldades, especialmente da ordem das concepções, dos discursos e das práticas. Mas, temos a obrigação, como professores do ensino superior, principalmente nas licenciaturas, de termos um maior comprometimento com a formação dos alunos, despertando possibilidades de mudança. Isto pode vir a ser uma boa colaboração no âmbito de valores como a igualdade e a justiça social.

Por sua vez, faz-se também necessário que ocorram mudanças mais amplas na sociedade e em direcionamentos políticos que repercutam no processo ensino-aprendizagem. Que haja iniciativas voltadas para o material didático, a formação de professores, por exemplo. O Estado deve exercer um papel preponderante nesse âmbito. Na última década, percebemos uma significativa mudança de percepção do Governo Federal, que se apresenta por meio da criação da Secretaria de Relações Inter-raciais, e também a aprovação da Lei 10.639, que determina a obrigatoriedade do ensino de História da África nas escolas e na universidade, assim como a aprovação da Lei de Cotas Raciais para os ensinos médio e superior. São grandes os avanços, resultantes da mobilização histórica dos movimentos negros em todo o país. Percebemos também menos tolerância às práticas racistas e isto a mídia tem sido obrigada a divulgar.

Em relação à escola, esta pode contribuir, em primeiro lugar, mudando a si mesma, superando esse lugar confortável que ocupa no que diz respeito à problemática etnorracial. Sem dúvida, por trás dos processos pedagógicos, são assumidos valores ético-políticos que carregam consigo relações de poder e modos de pensar e vivenciar as relações etnorraciais. Nesse processo, há éticas conflitantes, relações de dominação, submissão e conformismo que levam a diferentes ações e reações. Os saberes e as práticas realizados na escola não são inocentes. E isso precisa ser problematizado.

Mas, as mudanças que se espera e que são necessárias e urgentes só vão acontecer de modo mais amplo e profundo na medida em que houver uma transformação no olhar, na maneira de enxergar a diversidade etnorracial e percebê-la por uma ótica positiva. Isso quer dizer que não bastam processos formais de transmissão de ideias e conhecimentos mais democráticos do ponto de

vista etnorracial, ainda que estes sejam imprescindíveis, ou seja, é fundamental o acesso a um conhecimento culturalmente mais plural. Por outro lado, ele deve vir acompanhado de um olhar sensível à mudança, que só poderá se efetivar por meio de uma mudança interior, o que envolve uma formação humanamente genérica, ao considerar todos os povos com igual importância em todos os aspectos: social, cultural, histórico, econômico, entre outros.

O principal objetivo ao propor uma pesquisa de campo era promover para os alunos a oportunidade de questionarem certos textos e imagens produzidos e veiculados através da mídia, que permitisse um posicionamento crítico sobre estes, como também sobre suas visões pessoais a respeito das questões etnorraciais, seus modos de lidar com o racismo no cotidiano social e, em particular, na escola, lugar onde estavam se preparando para atuar.

A intenção era que procurassem se perceber como sujeitos desejosos e capazes de se contrapor à homogeneização cultural e ao etnocentrismo que perpassam a mídia. Isso é importante tanto para a construção de suas próprias identidades, como indivíduos, como grupo étnico e como educadores, bem como para descobrir formas de lidar com outras identidades diferentes das suas, sem discriminar, estigmatizar ou excluir.

Considero que é fundamental compreender que o que a mídia transmite é tão ou mais educativo do que o que é apreendido no cotidiano escolar, seja por conteúdos que são repassados de forma equivocada, seja pela ausência de conteúdos que envolvem povos e culturas não hegemônicos. Por isso, devemos encontrar espaços em nossa prática pedagógica para trabalhar com linguagens diversas no que diz respeito à dimensão etnorracial, contribuindo, do melhor modo possível, para uma formação mais ampla, mais plural e mais democrática.

Posso concluir que os trabalhos realizados pelos alunos, dentro e fora da sala de aula, acerca do papel da mídia na dimensão etnoracial, por meio de leituras, discussões conceituais, pesquisa de campo e análise crítica dos dados encontrados, provocaram inquietações e mudanças que se deram no nível das percepções e representações, como também na intenção de mudanças no campo da prática social e da prática pedagógica.

As resistências ao tema e a desimportância dada a ele no início, foram, pouco a pouco, sendo substituídas pela percepção da necessidade de aprofundar esse estudo, não de forma isolada e descontínua, mas os próprios alunos passaram a reivindicar que houvesse estudos contínuos envolvendo esse tema.

A ausência de estudos, debates e reflexões sobre o tema só contribui para reforçar o silêncio, as falsas verdades e os estereótipos presentes no senso comum, que se produzem e se reproduzem por meio das instituições, particularmente da mídia, que, por outro lado, alimenta e reforça o senso comum com concepções totalmente equivocadas e errôneas sobre os negros no Brasil, sua história e sua cultura.

Enfim, os estudos possibilitaram uma nova visão sobre a negritude e uma percepção crítica sobre o que geralmente é assimilado nas relações sociais e nos espaços educativos, como o espaço midiático. O desafio foi sustentar uma atenção analítica tanto aos aspectos subjetivos, que permeiam as relações inter-raciais no Brasil, quanto aos aspectos mais amplos, como o contexto social, o papel do Estado e demais instituições sociais, como a família e a escola, considerando, portanto a dimensão macro e micro da problemática etnoracial. A avaliação que os alunos fizeram dessa experiência demonstrou que é possível com conhecimento, interesse e vontade, promover ações pedagógicas que contribuam para a formação dos futuros professores no que diz respeito à diversidade etnoracial.

Referências Bibliográficas

ELLIOT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. *In*: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente**. Professor(a) pesquisador(a). São Paulo: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1998.

GIROUX, Henry; MACLAREN, Peter. Formação do professor como uma esfera contra-pública; a pedagogia radical como uma forma de política cultural. *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. São Paulo: Cortez, 1995.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo (Org.). **Tirando a máscara**: Ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**: Função e linguagem da televisão no Brasil. São Paulo: Vozes, 1999.